

PENSAMENTOS

DA SEMANA

O pior e mais danoso membro que há no homem, é a língua.

D. Fr. Amador Arrais.

Que há em Madride? Que faz lá o Sôr Ribeiro de Carvalho?

Um jornal conta que, em comemoração da Ascensão de Jesus Cristo, e por iniciativa da Associação Médico-farmacêutica de S. Cosme e S. Damião, com particular concessão do Santo Padre, realizaram-se, na igreja de S. Manuel de Madride, solenes actos do culto, em que tomaram parte 500 intelectuais espanhóis: presidiu o Nuncio Apostólico, que benzeu a bandeira daquela colectividade, que se chama agora « pontificia », e, às nove da noite, as naves do templo estavam repletas de homens, pertencentes às classes intelectuais, médicos, professores, advogados, engenheiros, arquitectos, odontólogos, geógrafos, agrónomos, licenciados, etc.: entre eles, alguns dos mais conceituados nomes, nos meios universitários, na medicina, na jurisprudência, e, exposto o Santíssimo, toda essa multidão de fidalgos do pensamento ajoelhou em adoração colectiva e solene: depois desse acto em comum, a adoração fez-se por turnos, em que se revezaram os intelectuais, pertencentes à mesma profissão, — turnos de médicos, de professores, de engenheiros, etc.: e cerca da meia-noite, após a recitação do terço, deu a bênção o Nuncio Apostólico, e começou a missa, ao abrir o dia da Ascensão, o próprio Bispo de Madride: depois... depois... no momento devido, todos aqueles 500 intelectuais receberam, devota e recolhidamente, a Sagrada Comunhão!!!

... Mas como é que se entende isto? Pois não está o Sôr Ribeiro de Carvalho em Madride? Que faz ele lá com a sua prodigiosa intelectualidade? Como é que Sua Excelência consente uma coisa destas a 500 intelectuais?! Pois não podia e devia Sua Intelectualidade esmagá-los logo ali com um dos seus piróticos: Viva a República?!...

Desperdícios criminosos do Marquês de Pombal

Primeiro: — O Marquês de Pombal, só para obter o breve da reforma dos jesuítas, em 1758, gastou nada menos de trezentos mil cruzados.

Segundo: — E nos escritos difamatórios e outros maneios contra a Companhia gastou, sempre dos dinheiros do Estado, três milhões de ducados.

Comentário único: — Está vingado, e mais que vingado, o grande e caluniado rei que foi D. João VI!

Os Meninos da Palhavã e o Marquês de Pombal

Primeiro: — Os célebres «meninos da Palhavã», irmãos bastardos de D. José I, escaparam da morte por pouco, só por se oporem ao Marquês.

Segundo: — Valeu-lhes o Cardinal Saldanha, que, de joelhos, em conselho, pediu ao rei lhes perdoasse, dizendo-se que por isto fóra envenenado pelo Marquês.

Comentário único: — A História está a refazer-se, e ainda um dia há-de pôr tudo no seu lugar, que é no chão!

UNIÃO NACIONAL

1.º CONGRESSO DA UNIÃO NACIONAL

Indicações úteis para os Congressistas

A apresentação do bilhete de identidade por parte dos Congressistas, confere as seguintes regalias:

Desconto de 50 %, nas seguintes linhas, desde 23 a 31 de Maio, inclusivé:

Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro, Companhia dos Caminhos de Ferro do Val do Vouga, Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro, Companhia dos Caminhos de Ferro do norte de Portugal.

HOTELIS — Teem descontos que vão de 5 a 50 %, conforme os hotéis, os congressistas que se hospedarem no Hotel Bristol, Jardim de S. Pedro de Alcantara; Hotel Leiriense, Rua da Assunção 52, 2.º; Hotel do Parque-Estóril; Grande Hotel de Itália, Monte Estóril; Suíço Atlantico Hotel, Rua da Glória, 3; Hotel Bragança, Rua do Alecrim, 12 a 30; Hotel Frankfort, Rua de Santa Justa; Aviz Hotel, Avenida Fontes Pereira de Melo; Hotel Paris, Estóril; Hotel Miramar, Monte Estóril; Parque Hotel, Rua de D. Pedro V, 6; Grande Hotel Borges, Rua Garret, 108; Hotel Metropole, Rossio; Hotel Europa, Praça Luis de Camões, 5; Hotel Frankfort Rossio, Rossio; Hotel Internacional, Rossio, esquina da Rua Augusta; Grande Hotel de Portugal, Rua do Amparo; Estóril Palácio Hotel, Costa do Sol; Hotel Universo, Rua do Carmo; Hotel Americano, Rua 1.º de Dezembro; Hotel Tivoli, L.ª, Avenida da Liberdade; Grande Hotel Duas Nações, Rua da Vitória, 41; Hotel Atlantico, Monte do Estóril.

Visto assim de relance este sistema, passo a expor a vossas excelências a teoria contrária, — **A Absorção da Igreja no Estado.**

Esta teoria conquistou legiões de partidários apaixonados, desde que a Igreja se levantou no mundo a reclamar em nome de Cristo, a soberania exclusiva das consciências.

Absorver, suprimir, exterminar a Igreja ou, quando menos acorrentar-lhe o poder espiritual, que ela intransigentemente reivindicava, foi todo o ideal político-religioso da Sinagoga incrédula, e do paganismo sanguinário. Os próprios imperadores cristãos já-mais despiram de todo, os instintos devoradores dos seus antepassados. Quem ignora as intenções com que o próprio Constantino Magno deslustrou em parte os benefícios verdadeiramente imperiais com que se tornou acreedor da eterna gratidão da Igreja?

Quem não se enoja ao ver os imperadores Constâncio e Valente mais ocupados em multiplicar as convocações de concílios e em presidir a vergonhosas assembleias de prelados, do que em opôr diques à inundação dos bárbaros que já se vinham aproximando das fronteiras?

Os enredos, ora hipócritas ora cínicos, que após a queda do

“FAZER VIVER A ACÇÃO CATÓLICA” (O TEMA DO CONGRESSO)

Encerrou-se já o Congresso da Juventude Católica Feminina, realizado agora em Lisboa, ao fim de 10 anos de existência da prestimosa associação. Quatro dias de entusiastas afirmações de fé, comunhões, missas, sessões onde jovens congressistas leram teses de valor, delirantes apoteoses a Cristo Rei, fervorosas homenagens à Igreja Católica, na pessoa dos seus mais altos representantes, — o Snr. Cardeal Patriarca, os ilustres Arcebispos e Bispos portugueses. Sua Ex.ª Reverendíssima o Sr. Bispo de Madrid — Alcalá, que veio assistir a esta magna reunião da juventude feminina, essa juventude corajosamente, decididamente proclama a Realza de Jesus e se dispõe de norte a sul do paiz a *viver a acção católica* — que foi o tema geral do Congresso, ou seja a fazerem-se apóstolos conquistando almas para Deus, semeando nos corações a semente bemdita do Evangelho.

Devem ter-se sentido desvanecidos com tão eloquente manifestação de vitalidade católica os dignos Prelados portugueses, sob cuja direcção começa agora a intensificar-se o movimento que ha de reconduzir a Cristo este povo, que tanto quiz a Cristo, que levou Cristo nos corações dos conquistadores e dos missionários, que dilatou a Fé juntamente com o Império e que de Cristo se ia afastando e de Cristo se ia esquecendo.

O Congresso que acaba de realizar-se em Lisboa, cheio de novidade e interesse, organizado com muita felicidade tanto no aspecto doutrinário das sessões, onde do mais distante recanto do paiz acorreram representantes inteligentes e corajosas, ventilando problemas, agitando ideias, estimulando

vocações e exaltando os espíritos, até à documentação regionalista, em que a parte etnográfica marcou por uma grande variedade de costumes, de trabalhos, de canções e de indumentária, foi sem dúvida uma realização que honra esta primeira iniciativa no género e será admirável exemplo para futuras reuniões onde as raparigas de Portugal procurarem demonstrar, com obras evidentes, que podem, que querem e sabem — *viver a acção católica* —, vive-la na sua plenitude de amor a Cristo, fazendo triunfar a cruz mais e mais pelo alargamento do reino de Cristo nas almas, na família e na sociedade.

Cruzada magnífica essa a que se destinam, cada uma na sua terra, as novas milícias da acção católica feminina, talvez aqueles combatentes de que ha a esperar maior esforço e dedicação e portanto maiores e mais numerosas victorias.

Todos esses milhares de raparigas que viveram horas inolvidáveis nos quatro dias que durou o Congresso, devem ter sempre nos ouvidos a encorajada, a animada, as palavras do Chefe, a digna Presidente Nacional, que nós conhecemos em Aveiro quando squi fundou o nucleo da Juventude Católica Feminina, ao abrir o Congresso.

— « A Cristo toda a honra, toda a glória, toda a nossa juventude, num cântico de louvor e acção de graças, num hino de triunfo e de victoria. »

A Cristo toda a honra, toda a glória, toda a juventude das heróicas batalhadoras.

E' preciso *viver a acção católica*, num constante e belo hino ao Senhor.

QUERUBIM GUIMARÃES.

Sarau de arte no Teatro Aveirense

na noite de 30 de maio, às 9 e 45

Em benefício das obras a realizar na igreja matriz da freguezia da Vera-Cruz.

PROGRAMA

1.ª PARTE

I — Palestra, pelo Ex.º Sr. Conde de Aurora.

II — Poesias pela illustre diseuse Ex.ª Sr.ª Senhora D. Maria de Lourdes Amaral:

A' Virgem Santíssima, Antero do Quental. — Salmo, Nuno de Montemor. — Jesus e Madalena, Jaime Cortesão. — Os que nos fogem, Fausto Guedes Teixeira. — As penas do verde-gaio (estilização duma dança), Augusto Pinto.

2.ª PARTE

I — Solos de violino pela Ex.ª Sr.ª D. Firmiana Branco de Melo Miranda, acompanhada ao piano pela Ex.ª Sr.ª D. Maria Virginia Salgueiro:

Ballade et Polonaise, Vieuxtemps, op. 38. — Souvenir de Moscou, Wieniawski, op. 6. — Canzonetta, A. d'Ambrosio, op. 6.

II — Solos de saxofone pelo Ex.º Sr. Manuel Barreto, acompanhado ao piano pelo Ex.º Sr. Henrique Lemos:

Air Varié de concert, Sur le Carnaval de Venise, V. Rucel. — Valse Noite, Rudy Wredosfr.

3.ª PARTE

Poesias pela illustre diseuse Ex.ª Sr.ª D. Maria de Lourdes Amaral:

Balada de Neve, Augusto Gil. — A Vida, António Correia de Oliveira. — Eu, Florbela Espanca. — Os bois, Afonso Lopes Vieira. — Soneto, Humberto Reis. — Mentira santa, Cândida Ayres de Magalhães. — Carta, Silva Tavares.

PREÇOS

Camarotes: frente, 50\$00; lado, 45\$00; bôca, 40\$00.

Cadeiras: de orquestra, 10\$00; simples, 8\$00; Cadeira, 7\$00.

Galerias, 5\$00. Geral, 4\$00.

As relações entre a Igreja e o Estado

(Continuado do número anterior)

império do ocidente, formaram, por assim dizer, a trama da política dos imperadores bizantinos com Roma, as violências desleais de Henrique IV, de Frederico Barbarossa, de Frederico II, de Luiz de Baviera na Alemanha, as arrogâncias impiedosas de Filipe o Belo em França, as orgulhosas usurpações e as perseguições sanguinárias de Henrique VIII, de Isabel e de Jaime I na Inglaterra, as intoleráveis pretensões do Galicismo Eclesiástico e Parlamentar, as prepotências do Josefismo, as arbitrariedades do Pombalismo, as concussões do Liberalismo, e todos esses grandes latrocínios modernos mal disfarçados sob a máscara das chamadas — leis de Separação — que outra coisa foram senão crises agudas dessa perpétua campanha de escravização movida contra a Igreja, desse obstinado movimento de Absorção do espiritual no temporal, que mais ou menos acelerado, foi a alma da política dos grandes potentados?

Os reis cristãos que, antes da revolução francesa, não se ren-

deram à tentação de engastar na corôa novas regalias à custa do poder espiritual, não terão sido muito mais numerosos do que aqueles que pela heroicidade de todas as virtudes mereceram a honra dos altares! E o que mais é de lamentar, é que às ambições práticas dos monarcas, nunca faltaram as justificações especulativas da lisonja. Os teólogos e juristas venais da corte de Bizâncio, Marsílio de Pádua e João de Janduno, os bispos subscritores da *Declaração* das liberdades da Igreja Galicana, e uma legião de jurisperitos eivados do mais funesto regalismo, não recuaram ante os mais sacrílegos e deprimentes sistemas, de propósito forjados para escravizar a Igreja ao Estado. Contra estas orgulhosas pretensões da autoridade temporal, insurge-se, nestes termos, o génio implacável de Suarez, esse espírito lúcido de teólogo profundo, que com tanto brilho ensinou na nossa Universidade de Coimbra:

« Os reis temporais, enquanto reis temporais, ou seja em razão da sua jurisdição suprema no

principado político, não teem poder nenhum espiritual na Igreja. »

« A Igreja, instituída imediatamente por Cristo, é uma sociedade hierárquica, monárquica, visível, perfeita, espiritual e sobrenatural.

« E' portanto de Cristo que deriva imediatamente a sua constituição e direitos essenciais.

« Nesta sociedade sobrenatural, terá sómente poder, aquele a quem ele foi conferido pelo divino fundador.

« Quem não puder documentar com títulos evidentes a doação deste poder, não usurpe a minima parcela de jurisdição no grémio da Igreja. Se o poder secular quer governar o reino de Deus e reger a Igreja que Cristo adquiriu com o seu sangue, apresente os diplomas que o autorizam a isso ».

Na leitura dos Evangelhos, vemos, que a doação do poder que Cristo legou à sua Igreja e Apóstolos, sob o primado de Pedro e seus sucessores, está contida nestas palavras:

« E eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do Inferno não prevalecerão contra ela. E dar-te-ei as chaves do Reino dos Céus. E tudo quanto ligares na terra, será ligado também nos Céus; e tudo quanto

(Continúa na 4.ª página).

PENSAMENTOS

DA SEMANA

Com o tempo a mentira sempre seca, e a verdade floresce.

Padre Manuel Bernardes.

2 notícias da América

Primeira: — Na Cathedral de Nova York, há poucas semanas, quatro mil homens enchião a grande nave, e assistiam à missa, entre cânticos fervorosos: e, no momento próprio, após umas palavras do celebrante, essa mole de homens, em filas cerradas, em ordem perfeita, caminharam para a mesa eucarística: eram os empregados católicos da grande cidade, pertencentes à Confraria do Santíssimo Nome de Jesus, que faziam a sua Comunhão Pascal: e, depois duma acção de graças em comum, saíram todos em marcha, cantando, em direcção ao Hotel Astor, onde lhes foi servido um almôço de confraternização!

Segunda: — A Juventude Católica de Chicago comprou um velho palácio, situado na parte principal da cidade: nela instalou um hotel para os jovens desempregados, que ali encontram gratuitamente, casa, cama e mesa: e em cada mês são servidas quatro mil e quinhentas refeições absolutamente gratuitas: sendo esta magnífica iniciativa de Assistência Social a sétima, que a Juventude Católica fundou em Chicago: e noutras cidades americanas, essa obra está lançada, realizando um colossal serviço de Assistência!

Duas leprosas

Primeira: — Nas Filipinas, há uma vasta leprosaria, que cuida, de graça, nada menos de cinco mil e setecentos leprosos: as enfermeiras, que se dedicam a tam perigosa e humanitária missão, pertencem à ordem das Irmãs de S. Pedro de Chastres: a sua caridade para com os infelizes impressiona e comove todos os que um dia puderam transpôr o limiar daquela casa de infortúnio: para colocar os doentes, que se curam e não encontram trabalho em parte alguma, fundaram uma aldeia com os leprosos, que obtiveram a saúde, e são ainda religiosos, que fundam indústrias, dirigem os trabalhos das fábricas e das terras, entregues a essa pobre gente.

Segunda: — Em Fontiles (Espanha), há uma leprosaria, que, desde que saíram os jesuítas, reduziu os seus doentes e amontoou notavelmente as despesas, que o Estado é obrigado a cobrir: apesar disso, as faltas e as desordens por elas ocasionadas são constantes, e agora, por exemplo, mandam os doentes, dois dias por semana, para casa das famílias: para nelas semearem o germe da morte, aliviarem as despesas da leprosaria, e habilitarem os seus dirigentes a coonestar, com os dispêndios mentirosos das vigens, os flagrantíssimos desvios da sua péssima administração.

... Será preciso dizer mais alguma coisa?!...

Auxiliai os tuberculosos pobres comprando o

SELO ANTI-TUBERCULOSO

SAL E PIMENTA

UMA FAMILIA DE SURDOS

UMA FABULA VERDADEIRA EM CINCO ACTOS

Personagens: — Compadre Anastácio, o único que não é surdo; compadre Zacarias, surdo como uma porta; comadre Ambrosina, mulher do Zacarias, e surda como duas portas; menina Francisca, de 15 anos, filha do Zacarias e da Ambrosina, e surda como três portas; menino Rafael, de 12 anos, irmão da menina Francisca e surdo como quatro portas; e, finalmente, a ti Jerónima, de 84 anos, mãe do Zacarias, e surda como cinco portas e meia.

1.º ACTO

Compadre Anastácio: — Ora viva o compadre Zacarias! Ditosos olhos, que ha que tempos que o não via, caramba! Então como vai isso? Você agora parece que anda melhor! Tem melhores cores! E até está mais gordo, assim me Deus salve!

Compadre Zacarias: — Tem razão, compadre, tem razão. Mas olhe que não é esquecimento nem desmazelo. Acredite, compadre! Não ha dia nenhum que eu não diga à comadre: O' Ambrosina! Então quando é que se ha-de dar aquele dinheiro ao compadre Anastácio, mulher? Mas que quer o compadre? A vida está tam má! A vida está tam má!

Compadre Anastácio (berrando como um bezerro): — O' compadre, credo! Eu não lhe falei no dinheiro, homem! Nem sequer me lembrava agora! Deixe lá isso! Temos muito tempo de tratar desses negócios! Arranje lá a sua vida! Eu não tenho pressa, compadre! Ouviu? Olhe que eu não tenho pressa!

Compadre Zacarias: — Pois bem sei que já é vergonha, mas é o que eu lhe dizia ha pouco: as coisas vão muito ruins, o compadre bem o sabe. Mas descanse, que muito breve lá lhe vai ter o seu dinheiro! Dê por onde der!

Compadre Anastácio (berrando como dois bezerros): — Mas quem é que lhe falou agora nisso, compadre Zacarias?! Se eu lhe estou mesmo a dizer que não tenho pressa nenhuma, que arranje lá a sua vida! O' homem de Deus, você assim até me faz desconfiar nem sei de quê, irra!

Compadre Zacarias: — De que modo?! pergunta o compadre. Eu lhe digo: vendo os bois, que já me não são muito precisos, e pronto! Lá tem num instante o seu dinheiro!

Compadre Anastácio (berrando como três bezerros): — Com um milhão de pipas, compadre! Não venda os bois! Não venda nada! Olhe que eu não preciso agora do dinheiro! Deixe-se estar descansado, caramba! Não pense agora nisso, com um milheiro de canivetes! Arre!

Compadre Zacarias: — Não, eles magros não estão. Calculo que sempre me dão ai uns quatro contos. Sempre chegará para a sua dívida. Fôra o juro, já se vê. Por isso, vá descansadinho, que isto está por pouco. E adeus! Dê lá recados à comadre.

2.º ACTO

Compadre Zacarias: — Pois é verdade, mulher. Dei a volta por quasi todos os nossos campos. Os milhos não estão para que se diga muito atrasados de mais. Mas não queres saber, mulher? Ia eu a chegar à leira do Bacêlo, salta-me de lá o compadre Anastácio com uma fúria, que quasi ia esbarrando comigo. Cuidava que eu que lhe fugia, o pirata do inferno! E mal me pilhou: Então, compadre, o meu dinheiro! Quando é que você me dá o meu dinheiro? Olhe que eu não o vou roubar, nem cavar com a enxada! E porque torna, e porque deixa, não me largou o maldito, enquanto eu não lhe prometi que vendia os bois para lhe pagar! Ora aí tens! Que te parece o desafio?

Compadre Anastácio: — Queres que te diga, homem? Acho que fazes só bem. Olha que eu não penso noutra coisa de dia e de noite. Mas também te dou de conselho: a comprares, compra peça que se veja, ouviste?

Compadre Zacarias: — Bem, pois já me concordas comigo, sempre me vou com eles depois de amanhã até à feira dos vinte e

sete, e vamos a ver quanto rendem os boizinhos. Eu calculo-lhe uns quatro contos. Para riba que não para baixo.

Comadre Ambrosina: — Pois está claro: que seja gordo. Olha que nós sempre somos cinco pessoas à mesa! E já no ano passado passámos sem nenhum. Mas não tem geito! Casa sem salga-deira bem cheia, é barca sem governo: vai ao fundo, sabes?

Compadre Zacarias: — Não, o que está dito, está dito, mulher. Descansa. E já na feira da Bouça que vou tratar de os vender.

Comadre Francisca: — Nem tu sabes a alegria que me dá, homem! Eu até, se fôsse a ti, comprava mas era dos alentejanos: sempre são os que dão mais unto, Zacarias. Compra, compra antes dos do Alentejo, e deixemo-nos de endrôminas. São mais caros? Acabou-se! No fim de contas saiem mais baratos, has-de ver!

3.º ACTO

Comadre Ambrosina: — O' Chica, anda cá! Vem aqui depressa, que te quero dar uma novidade! Anda, não te demores! Não queres saber? O pai vai comprar um porco! Um porco grande, muito gordo! Daqueles vermelhos do Alentejo, sabes?

Menina Francisca: — Pois sim, mãe. Não digo que não. Mas quem é, afinal? Diga, quem é? Se ele fôr bem parecido... eu como assim... não hei-de ficar solteira toda a vida!

Comadre Ambrosina: — Onde vai ele buscar o dinheiro? Sossaga, rapariga! Ele lá sabe! Não te dê isso cuidado! Podes dormir descansada! Eu cá eu é que me parece que nem durmo esta noite, de tam contente que estou! Um porco! Um porco para a minha casinha! Bndito seja Deus!

Menina Francisca: — Não, lá isso muito nova é que eu não sou, mãe. Olhe que aqui a prima Ricardina casou-se fez pelo S. Miguel um ano, e só tinha mais doze anos que a mim! Por isso a mãe traga-o cá para eu ver, e se me agrada, aceite, porque não?!

Comadre Ambrosina: — Pois é já na feira dos viate e sete que ele o vai comprar.

Menina Francisca: — Não se afija, mulher! Tenha ele boa figura, que eu não lhe viro as costas! Eu sempre tenho que me casar um dia! Por isso, se ha-de ser ao tarde, seja ao cedo!

4.º ACTO

Menina Francisca: — O' Rafael, sabes? Mas não chores, ouviste? Vou-te dizer uma coisa, mas não has-de ficar triste, não? Olha: vou-me casar! Disse a mãe ha bocadinho. Não sei inda com quem, mas talvez seja com o filho da Aniceta, que tem uns sapatos novos de verniz e uma gravata azul.

Menino Rafael: — Está certo, gosto disso! Ha um rôr de tempo que eu ando a falar nisso à mãe. Mas ela punha-se lá sempre com etiquetas, e não escorregava por nada. Agora então sempre é maré. Pois então viva! E olha: quanto mais depressa vierem melhor!

Menina Francisca: — Pois eu sei lá para onde vamos viver?! Não se tratou disso. Olha o disparate! Não houve inda vagar de pensar nisso. A nossa casa nova onde é?! Depois se resolverá, como Deus fôr servido! Ora o curioso!

Menino Rafael: — Não que também te digo: para serem como a estas, é melhor nenhuma! Olha que eu vesti-as, e ao cabo da primeira semana já estavam rotas. Até o pai me bateu por causa disso, lembraste?

Menina Francisca: — Lá bom rapaz é ele, tu que cuidas?! E com aqueles sapatos e com aquela gravata sempre eu queria que tu o visse! Parece mesmo um doutor!

Menino Rafael: — Ah! agora já me cheira! Não que, se são de bom pano, está bem! Está mesmo muito bem! Senão, nunca tenho calças que prestem! Mas assim, já fico bem servido de calças.

5.º ACTO

Menino Rafael: — O' nhôra avô! Nhôra avô! Vomecê não ouve?

Arões, 23.

Festividades. — Realizou-se no p. p. domingo dia 20, no lugar de Parada desta freguesia a festa em honra do Divino Espírito Santo, subindo ao pulpito o Rev.º Pároco da freguesia que falou sobre a solenidade do dia.

No próximo dia 27 haverá também no lugar da Lomba sermão e Missa cantada em honra da S. S. Trindade.

Casamento. — No próximo sábado, se realizará o Casamento da Sr.ª Adelaide Tavares do Cercal, com o Sr. Adelino Ferreira de Souto Mau. Aos noivos as nossas felicitações.

Escola. — Vão continuando os serviços para a construção da escola em Casal-Velido, escola esta que muito aproveita ao dito lugar e circunvizinhos.

Visitas. — Junto da Ponte em construção no Rio Teixeira na estrada 32, 2.º estiveram no preterito sábado a admirar a paisagem surpreendente e a examinar a ponte, que, terá segundo parece vinte e tantos metros de alto os Senhores: Dr. Manuel Ferreira Diogo, Conservador em Ovar, Dr. Lopes Fidalgo, Escrivão de Juiz de Direito também em Ovar, os dois irmãos Drs. Sãs Couto, de Oliveira de Azemeis, um cunhado do Dr. Bento Carqueja, António Joaquim Nunes e Dr. Abilio Ribeiro Campos de Melo, Contador Judicial em Oliveira de Azemeis, Dr. José de Castro e Lemos, Fidalgo da illustre Casa do Côvo e o Rev.º Vigário de Couto de Esteves. Ficaram segundo consta agradados do passeio.

C.

ENGRAXADORIA FLAVIENSE DE JOÃO MONTEIRO

Nesta casa encontra o público a venda o *Correio do Vouga* e todos os jornais nacionais e estrangeiros, bem como tabacos de todas as procedencias e um esplendido serviço de engraxadoria.

R. DOS MERCADORES (Aos Arcos) AVEIRO

CASA DE S. JOSÉ

(FUNDADA EM 1896)

168 — R. DAS FLORES, — 170 PORTO

Visitai esta casa e apreciái o seu sortido completo de

Terços, medalhas, crucifixos, estampas, livros, imagens, bilhetes postais, oleografias, pias de água benta, etc., etc. :: :: ::

Comprai uma vez a esta casa e jámais deixareis de ser seus clientes. Fazei a experiência, que nada custa, escrevendo hoje mesmo um postal à

CASA DE S. JOSÉ PORTO

e receberéis informações detalhadas na volta do correio

Olhe: a Chica... Vomecê ouve? A Chica vai-me fazer umas calças! Umas calças novas, de pano muito rijo! Assim, e'um raças! Já posso ir aos ninhos, que elas não se rasgam como as outras! Vivaaaaa!

Ti Jerónima: — Mas será ele do bom, ó rapaz?! Não que se não fôr em termos, não no quero nem dado, ouviste? Até se me azeda o estômago! Catixa!

Menino Rafael: — Sei lá! Acho que ela que vai buscar o pano à feira. Não sei bem. Ela nisso não falou. Ou talvez vá à loja do Serafim. Olhe: pergunte-lho, se faz favor, pronto!

Ti Jerónima: — Donde dianho era o que tu me trouxeste ontem? Sauto nome de Jesus! Aquilo não se podia tolerar nem á mão de

União Nacional. — Deram a sua adesão a este organismo os senhores:

Concelho da Mealhada, freguesia de Barcoço: — José Simões Moraes, proprietário; Anibal Lourenço, comerciante; José Rodrigues Figueiredo, proprietário; Antonio das Neves Couchinha, proprietário; Antonio Francisco, proprietário; Manoel Correia da Silva; Joaquim Gomes Carrana, proprietário; Joaquim Ferreira Couchinha, agricultor; João Gomes Carrana, proprietário; Manoel dos Santos Delgado, proprietário; Antonio Rodrigues Ferreira, agricultor; Antonio Neves, proprietário; Mario Batista de Abreu, proprietário; Joaquim Rodrigues Alves, agricultor; Joaquim Alves Rumor, agricultor; Manoel Alves Leocadio, proprietário; Manoel dos Santos Martins, agricultor; Joaquim Moleiro Coelho Batista, proprietário; Joaquim Rodrigues Ferreira, proprietário; Joaquim dos Santos Delgado, agricultor; Joaquim da Silva, agricultor; Manoel dos Santos Delgado, agricultor; João dos Santos, serrador; Antonio Costa Ferreira, agricultor; Joaquim Lopes Costa, agricultor; Joaquim Ferreira dos Santos Figueiredo, agricultor; Joaquim Marques de Carvalho, agricultor; Joaquim da Costa Ferreira, agricultor; Americo Lopes Martins, comerciante; Manoel Moreira, alfaiate; Antonio Lucas dos Santos, proprietário; Antonio Salvador, proprietário; Joaquim Cerdeira Batista, proprietário; Antonio Elias Marques, proprietário; Basilio Cerdeira Batista, proprietário; Antonio Ferreira, agricultor; Antonio Costa Portela, lavrador; José da Costa Portela, agricultor; Joaquim Cerdeira Batista, proprietário; Abilio Marcelino, proprietário; Augusto Machado Pinto, trabalhador; Horacio Francisco Marques, proprietário; Justino Sousa Pinto, proprietário; José Rodrigues Amaro, proprietário; Joaquim Francisco, proprietário; Artur Cerdeira Batista, proprietário; Manoel Rodrigues Ferreira, proprietário; Basilio Marques, proprietário; Joaquim Ferreira dos Santos, agricultor; Antonio Ferreira dos Santos, proprietário; Joaquim Simões dos Santos, proprietário; Leonardo Gomes Matos, agricultor; Antonio Simões dos Santos, agricultor; Antonio Moleiro Coelho Batista, agricultor;

João José de Figueiredo; Joaquim Marques das Neves, agricultor; José da Costa Portela, proprietário; João Lourenço, proprietário; Antonio dos Reis, agricultor; José Rodrigues Ferreira, agricultor; José Marques, proprietário; Faustino Rodrigues Ferreira, agricultor; Constantino das Neves, agricultor; Joaquim Amaro Costa, agricultor; Joaquim Rodrigues Amaro, proprietário; Joaquim Fernandes Cardetas, proprietário; Antonio dos Santos Batista, agricultor; Joaquim Pinto, proprietário; Antonio Ferreira de Figueiredo, agricultor; Antonio Alves Ferreira, alfaiate; Francisco Martins Barbosa, proprietário; Joaquim Madeira, agricultor; Manoel Gomes de Matos, proprietário; Antonio Alves Coelho, proprietário; João Nogueira, proprietário; João Marques dos Santos, agricultor; Antonio Rosa de Abreu, pedreiro; Antonio Cerdeira Batista, agricultor; Antonio Marques dos Santos, agricultor; Antonio Azedo, agricultor; Americo Rosa, agricultor; Antonio Lopes dos Santos, agricultor; Joaquim Lopes dos Santos, agricultor; Joaquim Lopes dos Santos Junior, agricultor; Alberto Lopes dos Santos, agricultor; Joaquim da Costa Marques, barbeiro; Henrique dos Santos, trabalhador; Joaquim Ramos de Carvalho, sapateiro; José Simões, proprietário; Manoel de Sousa, proprietário; José dos Reis, proprietário; Antonio Simões, proprietário; Antonio de Matos, trabalhador; Francisco Martinho, proprietário; Adelino Martins, proprietário; Severino Martins Neto, proprietário; João José, proprietário.

Freguesia do Luso: — Dr. Orlando Pereira de Sousa Branco, médico; Padre Antonio Ribeiro Delgado; José Pimenta Diniz, motorista; Joaquim Mira, lavrador; Berta da Silva Delgado, industrial hoteleira; Joaquim Gomes Pereira Leite, professor; Padre Francisco dos Santos Branco, Pároco; Adelino Fernandes Semedo, carpinteiro; Henrique Ferreira da Cunha, oficial dos Correios e Telégrafos; Alvaro Pereira da Silva, proprietário; Amilear Pereira de Sousa Branca, professor; Julio Mira, creado de mesa; Antonio Rodrigues, padeiro; Raul Mesquita, alfaiate; Francisco Seabra Garcia, carpinteiro; Francisco Cabral, carpinteiro; Hermínio Rebelo, alfaiate; Teodomiro Antonio Pereira, comerciante; Manoel Duarte Coelho, alfaiate; Joaquim Lopes de Melo, lavrador; Luiz Gomes, gerente comercial; Alfredo Mendes da Costa Soares, proprietário.

Fizeram a sua inscrição neste organismo os seguintes senhores:

Concelho de Estarreja, freguesia de Pardilhó: — João Maria da Silva Fragoso, ferreiro; Antonio da Silva Tavares, lavrador; Antonio Valente de Almeida, carpinteiro; Alexandre Valente da Silva, lavrador; José Teixeira dos Reis, professor oficial; Joaquim Valente Ferreira Fidalgo, lavrador; Manoel da Silva Couto, lavrador; José Maria Godinho, carpinteiro; Manoel Joaquim da Silva Valente, lavrador; Domingos Teixeira, lavrador; Antonio Joaquim de Matos, carpinteiro; Francisco Lopes de Matos, lavrador; Manoel Antonio Bastos, proprietário; Francisco Esteves da Silva, comerciante; Manoel Maria Rodrigues, lavrador; Manoel Pedro Valente, lavrador; José Luciano Valente Rodrigues, oficial de diligencias; Antonio Joaquim de Almeida Fragoso, ferreiro; David da Silva Amaro, negociante; Joaquim Maria Rezende, proprietário; José Maria da Silva Matos, lavrador; Augusto da Silva Valente, lavrador; Leonardo da Silva de Matos, lavrador; Firmino de Pinho, proprietário; Leonardo Luiz Valente de Almeida, lavrador; João Dias Pereira, carpinteiro; Paulino Ferreira da Silva Reis, ferreiro; Joaquim Maria Valente de Almeida, lavrador; José de Oliveira Fidalgo, sapateiro; Julio Valente de Almeida, lavrador; Manoel Antonio Rodrigues, lavrador; Antonio Nunes Ferreira, ferreiro; José Valente de Almeida, lavrador; Antonio Joaquim da Silva Godinho, lavrador; Antonio Joaquim de Almeida e Silva, lavrador; Antonio Silva Fra-

Correspondências

Calvão, 20.

O mês de Maio continua com grande esplendor. A igreja principalmente aos domingos está sempre repleta de gente.

— Esteve doente o nosso Rev.º Pároco. Felizmente já se encontra quasi restabelecido. Deus nunca abandona aqueles que trabalham por seu amor, e por isso também não deixou de o socorrer na sua enfermidade.

— Já vão adeantadas as obras da torre. Era uma verdadeira necessidade, pois que na maior parte da freguesia não se ouvia o sino. Felizmente, daqui por algumas semanas já se poderá ouvir a alguns quilómetros de distancia.

— Celebrou-se hoje (dia 20) a reunião dos jovens da Juventude Católica. De manhã houve comunhão geral e meditação, à tarde terço solene, prática pelo Rev.º Assistente e sessão na sede da mesma Juventude.

— Visitou o nosso querido pároco o seu irmão engenheiro agrônomo, Manoel Martins Baptista que já ha muito se encontrava na Guiné portuguesa.

— Baptizaram hoje seus filhos os nossos amigos Manoel dos Santos Rocha Novo de Calvão, António da Rocha Creoulo das Cabeceiras, João Baptista dos Santos da Ponte de Vagos.

— Foi proclamado o nosso amigo Manoel Maria Ferro, da Parada de Baixo, filho do bom Inocência Ferro, com a menina Maria de Jesus, filha de José da Silva, das Vergas.

C.

AGENCIA FUNERARIA NARCISO GRAVATO

VAGOS

Fornecer urnas e encarrega-se de todo o serviço funerário

FERREIRA DA COSTA

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças dos ouvidos, nariz e garganta

CONSULTA

aos domingos, das 9 as 12 horas, no HOSPITAL DA MISERICORDIA DE AVEIRO

JOSÉ MOREIRA (CORUJEIRA)

ADVOGADO

VAGOS

CASA

Vende-se na rua 16 de Maio n.º 5. Para tratar no liceu com seu dono João B. Moreira.

goso, carpinteiro; Manoel Nunes da Silva, lavrador; Francisco da Silva Tavares, lavrador; Antonio de Oliveira Maio, lavrador; João Agostinho da Silva Matos, proprietário; Olegario de Oliveira dos Santos, carpinteiro.

Freguesia de Avanca. — Dr. Antonio de Abreu Freire, médico; Padre Antonio Maria de Pinho; Domingos Marques Hespanha de Rezende, proprietário; José Maria da Silva Tavares, professor aposentado; Manoel Maria Fernandes Teixeira, comerciante; Manoel Pereira da Silva, comerciante; Artur Valente de Oliveira, empregado do comercio; Antonio Artur de Abreu Freire, empregado comercial; Carlos Augusto de Pinho, lavrador; José Maria da Silva Pereira de Melo, proprietário; Vasco Monteiro da Gamma, proprietário; Francisco Pereira de Oliveira, comerciante; Artur Neves, proprietário; Joaquim Atonso Homem, proprietário.

— Não temos publicado por falta absoluta de espaço, as listas de inscrição na União Nacional, que do Governo Civil nos tem sido enviadas. Começamos hoje a faz-lo e pedimos desculpa da demora.

DOUTOR FORTE VINAGRE.

Correspondências

Ancas, 19-5-934.

Cumprimentos — O « Correo do Vouga » e o Marquês — Nucleo R. Nun'Alvares — Mês de Maria — Estado Novo — Semana da Tuberculose.

As correspondências desta freguesia que, desde há muito, não temos aparecido no nosso « Correo » vão hoje recomençar para que a boa gente desta terra encontre ao lê-lo, alguma coisa que mais de perto a estimule e leve o nosso jornal a ter aqui inumeros assinantes. São os votos que fazemos cumprimentando os seus dignísimos Directores e mais colaboradores.

O número do « Correo do Vouga » dedicado ao celebre tirano, Marquês de Pombal, foi aqui lido com muito agrado. Durante dias não se falou noutra coisa, elogiando-se a maneira desassomburada como foi criticada a obra nefasta do perseguidor da Companhia de Jesus a quem o nosso querido Portugal tanto deve. Parabens e que continue o « Correo do Vouga » a ser corajosamente desassomburado.

Começou a funcionar na nossa freguesia um Nucleo Recreativo, instrutivo e educativo para formar os homens de amanhã, quer físico quer moralmente.

O Nucleo Recreativo Nun'Alvares — pois assim se denomina a nossa casa de formação de homens segundo as bases da Acção Católica — deve-se ao nosso querido Pároco Rev.º Miguel Domingues Ferreira que se não tem poupado a esforços para levar esta boa gente à prática do bem, e para que venham a mostrar-se bons católicos não só na Igreja, mas em toda a parte.

Brevemente virá a esta freguesia o Rev.º P.º António A. da Cruz Gomes, bondoso Sacerdote, inteligente professor do nosso seminário de Coimbra e Secretário da Acção Católica na nossa diocese, inaugurando um « Circulo de Estudos », no mesmo Nucleo.

Creemos bem que, orientados por aqueles dois verdadeiros discipulos e apóstolos de Cristo, levaremos, a bom termo, a nossa obra.

Contamos já com os melhores rapazes da nossa terra e com o seu auxilio material e moral.

Que Deus nos ajude. Ao Sr. Prior os nossos melhores agradecimentos.

Conforme nos outros anos, realiza-se em todos os dias do mês corrente, na nossa igreja paroquial, o Mês de Maria.

Tem sido muito concorrido, o que prova o grande zelo do nosso Pároco, que faz tudo para o bem das almas que lhe estão confiadas. Consta o Mês de Maria de Terço, Ladainha de Nossa Senhora, leitura da Vida de Jesus e explicação desta, cânticos e Bênção do Santíssimo.

Foi-nos dado assistir no passado domingo, dia 13 do corrente, a uma sessão de propaganda do Estado Novo Corporativo. Vieram de Lisboa vários oradores que expuzeram à gente da Bairrada, que enchia por completo o Teatro de Anadia, a doutrina e obra de Salazar. Nada prometeram como antes se fazia. Disse-se a verdade. Foram oradores os Ex.ºs Srs. Doutores Henrique Cabrita, Sousa Machado, Amaral Pirrayt e o heroico Capitão David Neto. Todos se portaram à altura, mas queremos destacar, sem melindre para nenhum dos outros oradores, o desassomburado discurso de Sousa Machado, no qual afirmou que a doutrina do Estado Novo assentava nas Inclicas de Suas Santidades os Papas Leão XIII e Pio XI. E tanto assim é, disse, que a família, base essencial da Nação, é defendida tanto numa como noutras.

Por fim falou o Ex.º Governador Civil de Aveiro que ologiou todos os oradores, encerrando a sessão.

Foram levantados vivas a Portugal, a Salazar, ao Sr. General Carmona e ao Estado Novo, correspondendo a todos com entusiasmo a enorme massa de gente que ali se encontrava.

Também aqui se fez o pedatório a favor da Assistência Nacional aos Tuberculosos.

As meninas que andaram a recolher os donativos foram muito bem

PARA LÁ DA FRONTEIRA

Notas e impressões

- Os efeitos da perseguição religiosa em Espanha.
- Do incêndio dos Conventos à exaltação da Fé.
- Quinhentos intelectuais velam o SS. Sacramento em grupos de setenta.
- O que dirão a isto Azaña e os seus colaboradores, Caballero, Domingos e C.?

No *Diário do Minho* de há dias lia-se a noticia de que em Espanha, mais de 500 intelectuais, advogados, médicos, arquitetos, engenheiros, etc., se haviam reunido na Igreja de S. Miguel e de S. Bento para celebrar crentido a festa da Ascensão do Senhor.

Foi a Irmandade Medico-farmaceutica de S. Cosme e S. Damião a organisadora dos cultos celebrados por especial concessão do Sumo Pontifice e além dessa Irmandade assistiram às cerimónias, a dos Engenheiros de Minas, Arquitectos, Engenheiros de Montes, Odontologos, Geógrafos, Engenheiros Industriais, Advogados, Agronomos, Engenheiros do Caminho de Ferro, Licenciados e Doutores, a Arquiconfraria dos Jovens Eucarísticos, representantes das Juventudes Católicas, Adoração nocturna espanhola, Cavaleiros do Pilar e outras associações e representações piedosas.

Essa festa religiosa teve lugar à noite, começando por ser benzida a bandeira da Irmandade de S. Cosme e S. Damião pelo nuncio de Sua Santidade, Mgr. Tedeschini.

Começou às 10 horas e acabou às 2 da madrugada. O Bispo de Madrid — Alcalá foi quem celebrou a missa à meia noite precedida de terço, resado por todos os assistentes, e ministrou comunhões durante uma hora. Fez-se a exposição do Santíssimo e durante ela a adoração por grupos de setenta homens, representando a intelectualidade espanhola. E' esta, de toda a noticia, a parte mais importante e aquela que nos obriga a algumas considerações.

* * *

Mais de quinhentos intelectuais vão ao Templo, assistem a toda a festa religiosa que acabou de madrugada, e não ficam por aí, porque se organisam em grupos de setenta para prestar preito de uma vassalagem ao Rei dos Reis, a Jesus Cristo representado na Hóstia consagrada.

São médicos, advogados, engenheiros, arquitectos, geógrafos, licenciados, doutores, que publicamente afirmam a sua fé, desprezando os respetos humanos e pondo de lado temores ou hesitações.

Assim mesmo. E tudo isto se passa num pais onde a República dos Trabalhadores implantou o regimen mexicano da perseguição à Igreja, fechando os olhos a todas as violencias e ultrages ao sentimento religioso, para não

recebidas, apurando a quantia de Esc. 64505.

Que N. S. Jesus Cristo abençoe toda esta boa gente.

Ouca, 21.

Sem graça. — O estimado assinante deste semanário, sr. José da Rocha Fazendeiro, com officina de funilaria, foi ha dias vítima duma graça que não teve graça e que revela bem a honestidade de quem a praticou. Da bicicleta daquele senhor, enquanto entrou na casa dum amigo a tratar dos seus negocios, roubaram um embrulho com bacalhau e prepara-

vam-se para o comer, quando foram surpreendidos pelo seu dono que o comprou para as necessidades de sua familia e não para extraganizar.

Romeiros. — De passagem para a séde do nosso concelho, onde hoje se venera Nossa Senhora de Vagos, temos visto muitos romeiros que ali vão sentidamente agradecer e implorar graças à sua celeste Padroeira. Daqui também se deslocou muita gente para lá.

Festas. — A comissão das festas a realizar no dia 29 do próximo mês de julho em honra da Senhora das Virtudes e S. Sebas-

dizer instigando o ataque às crenças em porfiada lucta de extermínio que chegou ao vandalismo dos incendios dos conventos e da destruição de obras de arte e livros raros.

Ainda há pouco o A. B. C. o recordava, e propósito do terceiro aniversário da República, pondo ao lado do 14 d'Abri! de 1931 — « que os periódicos da esquerda invocam agora tão frequentemente, atribuindo-lhe o significado duma política, a data do 11 de Maio seguinte que também foi definição.

Foi definição, como o valoroso diário Madrileno comenta, duma política de ódio à Igreja e à fé católica que é a da imensa maioria do pais, procurando destruir-se o sentimento religioso pelo terror de actos de cruel vandalismo...

Lembra o A. B. C. a passividade e complacência com que o governo de então procedeu, deixando dar largas a esse instinto de selvageria que, começando por se manifestar na capital irradiou para a provincia, seguros da impunidade os auctores e conspiradores das sinistras proezas. A famosa frase — « Todas as igrejas e conventos não valiam a vida dum republicano » — parecia ser a tese governamental, em face do alastramento da furia dos atentados praticados.

E o interessante Diario passa em revista algumas dessas malfetorias que converteram em cinzas os templos e mosteiros, collegios e bibliotecas, joias architectonicas e esculpturais, reliquias e arquivos, incunábulo e edições principes, colecções admiráveis e preciosidades bibliograficas que enriqueciam o tesouro intelectual da Espanha. A Igreja da Flor e o Colégio das Maravilhas em Madrid, as igrejas do século XVII, em Cadiz, Córdova e Málaga as esculturas dos seculos XVI e XVII, algumas sem par, como as sevilhanas de Montañes, as pinturas murais e os trabalhos admiráveis de Ticiano, Alonso Cano, Ribalta, Campos, Vicente Lopez e Guevara, os 90.000 volumes, alguns rarísimos, só em Madrid, tudo isso reduzido a destroços e cinzas, é bem o indice da mentalidade jacobina que inspirou esse primeiro periodo da segunda Republica.

Pagina *bochornosa* lhe chama o A. B. C. — « bastante para deshonrar o regimen em que se produziu ».

E afinal para que toda essa complacência do governo? Para acabar com a Religião em duas gerações como se pensou fazer em Portugal? Os 500 intelectuais adorando a Cristo Nosso Senhor dão aos Azãnos Caballeros e Domingos a resposta condigna.

QUERUBIM GUIMARÃES.

— 28 —

Salreu, Canelas, Fermelá, Angeja, Frossos, Louro, na margem direita do Vouga; Eiril, Requeixo e Carregal, (de sal?) na margem esquerda, indicam, pela densidade da população, um dos limites que a instabilidade do terreno situado a oeste não consentiu, durante muito tempo, que fossem transpostos pelos povoados.

O rio Vouga, o Vacca de Plínio, teve, em tempos remotos outro curso, outro leito, desde a padeira de Fermentelos onde, em certa época, teve a sua foz, até um logar mais ao poente onde desaguava na ria. Em virtude dos assoriamentos a sua corrente refluiu para o norte, procurando outra saída; sendo talvez a esse retrocesso que deve o nome de Vouga ou Vacca do suevo ou sueco *Backa*, retrogradar, ou retroceder.

Vacca pode ter outras significações igualmente plausiveis; mas, isto não vai a matar.

Em próximos artigos se tivermos vida, saúde e espaço no jornal trataremos da Etimologia do nome de Aveiro.

A. STRECHT DE VASCONCELOS.

FIM

Correspondências

engenheiro dos Monumentos e Edifícios Nacionais, que achou a dita casa em tudo dentro das exigências legais e por isso digna de plena aprovação.

— Dizem-nos que houve em Sanguinhos, ha pouco, uma grande reunião para pedir à Companhia dos Caminhos de Ferro a elevação do apeadeiro do Paraimo a estação. E que fazem os de Oia para elevar o seu a igual categoria?

— Nos dias 7, 8 e 9 fizeram-se nesta freguesia as costumadas Ladainhas.

— Com 100 anos pouco mais ou menos, finou-se no lugar do Rego o sr. João Pedreiras. Paz à sua alma.

— Consta-nos que já foi despachada para o 3.º lugar de professora da escola de Oia a esposa do sr. Acursio de Albuquerque. Parabens.

— Para a Branca, Albergaria-a-Velha, foi despachado professor o sr. Manuel Caetano da Rosa, de Vila Verde, Oliveira do Bairro. Parabens.

C.

LUÍS DE AZERÊDO PEREIRA
ADVOGADO
VAGOS

CESAR CARDOSO
ADVOGADO

Com escritório na Fogueira, todos os dias até ás 11 da manhã; de tarde, em Anadia, em frente ao estabelecimento comercial do sr. José : : : d'Almeida : : :

JOSÉ DIAS JUNIOR

CIRURGIÃO DENTISTA

Consultas na Cúria, ás 3.ª, 4.ª, 6.ª e sábados

VENDE-SE Uma marinha de sal denominada a Robalilha. Quem pretender fale com Alberto de Azevedo, do logar de Sarrasola, freguesia de Cacia.

Está livre de tudo.

— 25 —

Por emquanto admite-se que as raizes da lingua Ibérica, se encontram no Hebreu e no Caldeu. Erro Y Aspiroz, chega a afirmar presunosamente; que o biscoinho é a lingua que se falava antes da confusão de Babilónia. Ora no hebreu, temos, grafia convencional, sendo pena não poder reproduzir estes vocabulos em caracteres hebraicos:

- 1.º *Dal*, lábio, boca, fauce, foz, folha de uma porta ou janela.
- 2.º *Dalah* e *Dal*, enfermo, aflito, arruinado, subvertido.
- 3.º *Dálah*, haurir, sorver, absorver; libertar; vertente de uma colina; descida.

Thala, reunir, ajuntar, coser, tecer, fazer redes; adjectivo; mosqueado, versicolor; cabrito.

Thalá, húmido, orvalhado, enxambrado; lama. De *thal*, orvalho, chuva.

Tahlah, opressão, execração. *Thlamon*; opressor, déspota.

Talah, ou *Telah*, suspender; daí *talim*, suspensão de espada; carcaz, cartucheira.

Thali ou *thli*, colina, monte.

Vê-se que não há diferença sensível entre os radicais gregos e hebraicos, quanto à significação do primeiro elemento de Talábriga.

Quanto ao segundo, *bria* ou *briga*, temos que:

- 1.º *Bri*, ou *beri*, fontanus, isto é ribeirinho, logar onde existe água, e ainda destruição, corte.
- 2.º *Bar*, ou *ber*, significa cousa criada que cresce; criança, filho. Cf. com o grego *brió*.
- 3.º *Bra*, destruição, ruina.
- 4.º *Brihah*, lignum transcurus, tronco atravessado, ponte, que primitivamente se formou de único tronco lançado de uma margem para a outra. *Vectis*, pessulus, tranca; repagulum, sebes ou palancas.

Filiando pois no ibérico o nome de Talábriga, pode significar, racionalmente — TELE, monte e Brihah, fortaleza; (de palancas) vala. THELA BRIHAH, suspensa ponte. Mas já sabemos que Talábriga é nome de oppidum, que bem podia tirar o nome de uma ponte.

Resta considerar as origens célticas do vocabulo, sobre o que passo a transcrever o que diz Des Brosses.

« Casos há em que, o efeito da derivação, é de tornar comum a duas cousas contrárias a significação do derivado, se a sua « contrariedade estabelece entre elas uma espécie de relação,

POR AVEIRO

Festa do Senhor Jesus. — Realizou-se no dia 20 do corrente a anunciada festa ao Senhor Jesus, na Igreja de S. Domingos, que estava vistosamente engalanada, saindo à tarde a procissão que, como é costume, se apresentou com a melhor ordem e compostura.

De manhã houve a missa solene e sermão e à tarde segundo sermão e exposição do Santíssimo. O pregador, como já aqui se disse, foi o ilustre professor de Teologia no Seminário do Porto, e digno assistente eclesiástico do Associação dos Estudantes Católicos, Sr. Padre Manuel Joaquim Valente, que proficientemente falou sobre a Cruz, o triunfo da Cruz, a Cruz, símbolo da redenção, da Justiça e do Amor Divinos! As suas orações foram ouvidas com a maior atenção e ambas, cheias de ensinamentos, deixaram no auditório a impressão de que o ilustrado sacerdote possui na verdade merecimentos dignos de pôr em relevo e que certamente o abonam para novas visitas a esta cidade.

Reunião do Curso Médico. — No próximo dia 27 reunem-se em Aveiro os médicos que terminaram o seu curso em 1899, na antiga Escola Médica do Porto.

Pertencem a este curso vários médicos do nosso distrito, os Srs. Drs. Lopes Fidalgo, de Ovar, antigo governador civil de Lisboa, lugar que deixou para seguir para a guerra em França e antigo adido à nossa Embaixada no Rio de Janeiro; José Francisco Coelho de Amorim, médico na Feira; Augusto Correia do Amaral, médico em Cambra;

Outros são médicos militares, os Srs. Drs. António Augusto Fernandes, actual Director do Hospital de Marinha; Manuel Gonçalves de Carvalho, antigo chefe do Gabinete do falecido General Pimenta de Castro, seu sogro; Adolfo César Cid, antigo Subdirector do Hospital da Estrêla; José Coelho Moreira Nunes; Abílio Augusto de Carvalho Areal, do Ultramar; Américo de Campos, do Ultramar;

Alem destes, veem mais os Srs. Drs. Francisco Neves de Castro, presidente da Camara de Matosinhos; Arnaldo Alberto de Sousa Lobão, de Viseu; José Maria de Mesquita, da Casa do Douro, Régua; Joaquim da Maia Aguiar, de Ermesinde; Aleixo Guerra, Henrique Navarro e Joaquim António da Silveira, do Porto; José Leão Ferreira da Silva, director da Escola Normal de Braga; J. Gomes de Almeida,

de Souzel; Alberto Vale, de Coja; Artur Peres de Noronha Galvão, de Alvarenga; António Maria Flóres Loureiro, Director Clínico de Caldelas e Alberto de Matos Carvalho, de Mira.

Os nossos ilustres hospedes visitam a cidade, seguindo depois para a Ria, onde os de longe, vão ter ocasião de ver belezas sem par. A' noite regressam à sua faina e estamos certos de que levarão da nossa terra gratas recordações de um dia aqui passado cheio de surpresas e de impressões de uma originalidade que só aqui se podem colher.

Cá os esperamos.

Excursões. — No dia 18 veio a esta cidade uma excursão de estudantes da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto que com as suas pastas de vida azues ao vento, imprimiram vida e animação na cidade.

Passaram na Ria e à noite, no clube Mario Duarte, foi-lhes oferecido por algumas senhoras um chá, tendo dançado animadamente até tarde.

— No dia, 20 realizou-se uma excursão de Lisboa a Aveiro num comboio popular organizado pela Companhia Portuguesa, tendo-se espalhado os excursionistas por vários pontos da cidade.

Congresso da Juventude Católica Feminina. — Já regressaram as representantes do núcleo da Juventude Católica Feminina, desta cidade, que no dia 16 partiram para a capital para assistir ao Congresso que ali se realizou e que foi um acontecimento notável como toda a imprensa referiu.

Regressaram encantadas com a imponente manifestação de fé, com o valor das teses apresentadas e com o entusiasmo que em todas as congressistas se notava, que será melhor estímulo para os futuros trabalhos da Acção Católica a que vão dedicar-se. Com as jovens católicas de Aveiro foram algumas senhoras e o digno assistente eclesiástico.

Sarau de arte. — E' no próximo dia 30 que se realiza, em benefício das obras a realizar na igreja matriz de Vera-Cruz, o Sarau de Arte cujo programa vai publicado noutro lugar. Todos devem concorrer, nomeadamente os católicos da freguesia respectiva que são os mais interessados e de maiores deveres no caso, para que o produto do Sarau atinja a maior soma possível.

AQUI P'RA NÓS QUE NINGUEM NOS OUVÉ...

E' ainda um dialogo havido com o mesmo visinho que vamos transmitir aos nossos leitores...

— Quere ouvir, meu visinho, o que alguém veio dizer-me a propósito do nosso assunto da ultima conversa?

— Dirá que eu não tenho o dom de adivinhar...

— Vocês, católicos, se pudessem atirar por terra o monumento ao maior homem que nasceu em terra portuguesa, tinham o maior alegrão da sua vida...

— E que lhe respondeu?

— Disse-lhe que não pesava sobre nós nem tínhamos a responsabilidade de ter-se levantado estatua em nome da liberdade, que ele calçou aos pés e que, portanto, nos era indiferente.

Eu cá por mim não encostaria um hombro ao seu pedestal para deita-la abaixo embora isso estivesse na minhas forças.

— E com certeza não o fariamos embora pudessemos. O que, sobretudo, a consciencia repele é que, havendo porventura aspectos da vida do marquês que merecessem ser glorificados, ele o seja por motivos de ódio e nada mais. Se ele não tivera esse duelo de morte com a Companhia de Jesus, naturalmente seria esquecido como o têm sido tantos homens ilustres da nossa terra.

— Isso, isso, meu visinho, é que é bem lembrar. Desde que na minha escola primaria ouvi falar desse ministro que se chamou Conde de Castelo Melhor e que tem sido esquecido, fiquei sempre a simpatizar com ele.

— E com razão. Até nem lhe faltou a nobreza de cara-

SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

Melhoramentos rurais

No mês de Março do corrente ano foram concedidas participações do Estado para melhoramentos rurais, no valor de 859.399\$31, em relação a obras orçadas em 1.889.205\$47.

De Outubro de 1932 a Março deste ano, o valor total das participações do Estado foi de 23.156.869\$97, em relação a obras orçadas em 54.257.893\$64.

As obras a que estas verbas se referem compreendem a construção de 689.922m,47 de estradas e caminhos e reparações de 807.275m,20; e a construção de 674 fontes e lavadouros e reparação de 51.

Alfândegas

As receitas cobradas nas Alfândegas do continente e ilhas no mês de Fevereiro do corrente ano foram de 62.853.440\$19, perfazendo com as do mês anterior o total de 126.690.725\$62.

Em relação às receitas cobradas em igual período do ano anterior verifica-se um aumento de 15.616.755\$18.

Dr. Humberto Leitão

Médico

RUA DO RATO — AVEIRO
TELEFONE 26

Consultas — Na COSTA DO VALE DO, às quartas e sábados, às 9 horas. Em SALGUEIRO, nos mesmos dias, às 11 horas.

cter que o levou a não esquecer o príncipe que tinha servido e viu na desgraça.

— Quando se dispensam favores, não faltam amigos; na adversidade é que eles se conhecem...

NINGUEM.

CASA VIEIRA

DE MANUEL VIEIRA DOS SANTOS

21 RUA DIREITA 21-A — AVEIRO

Neste estabelecimento, embora de pequenas dimensões, encontrará o respeitável público todos os artigos da nossa especialidade, tais como:

Cimento, Ferragens, Tintas, Drogas, Vidraças, Sementes e Mercenarias

Secção recreativa

(PARA TODOS OS PALADARES)

N.º 1 — Postal enigmático

Um negociante mandou a outro o seguinte bilhete, que bem prova que... o segredo é a alma do negócio:

UM CUSTOSO

Não vou à pinga água presença, por ter o meu masculino com uma floresta tesa ao lombo. Peço-lhe, pois, que diga ao seu tomba olfato que vomite no seu isento preceptor o descanço da tumba curta quantia, e não faça carreta de peça de ir tam depois do meio dia.

Seu amigo — BERTOLDO.

... Quantos leitores do *Correio do Vouga* saberão enviarnos em postal a decifração deste hieroglifo egipcio?! Olhem que não é muito difficil! Creiam!

X. P. T. O.

N.º 2 5 — Perguntas geográficas

Qual é a vila portuguesa feita de ferro? — Qual o rio portuguez que voa? — Qual a cidade portuguesa que está sempre de sentinela? — Qual a vila portuguesa que é de carne, ferro e pau?

DR. MASSADAS.

N.º 6-9 — Charadas em frase

Um chinês disse que Deus fizera do homem... um macaco! — 1-1-1.

— Um cabelo branco junto a um pequeno sinal gráfico, dá um vaso de madeira, que serve para transportar líquidos em viagem. — 1-1.

— São dois, diz o monarca, que veem na lista como provedores de vinhos. — 1-1-1.

— O oceano tem suas dificuldades, afirma o titular. — 1-1.

NAU CATRINETA.

PARA RIR

— O senhor disse ou não disse o que eu disse que o senhor disse? Um amigo seu disse que o senhor disse que nunca disse o que eu disse que o senhor disse. Ora, se o senhor disse que não disse o que eu disse que o senhor disse, então que foi que o senhor disse?

*
No restaurante:

— O senhor pediu um palito?
— Pediu, mas não é para os meus dentes. E' para os dentes do garfo.

As relações entre a Igreja e o Estado

(Continuado da 1.ª página)

desligares na terra será também desligado nos Céus. Apascenta os meus cordeiros, apascenta as minhas ovelhas. Assim como o Padre me enviou, assim eu vos envio. Dado me foi todo o poder no Céu e na terra. Ide pois, instrui todos os povos, baptizando-os em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo, ensinando-os a guardar tudo quanto eu vos mandei. E eis que eu estou convosco todos os dias até à consumação dos séculos.

Nunca na terra se conferiu com fórmulas tam solenes e explicitas a investidura dum poder como este!

Vão folhear agora toda a Escriitura os aduladores dos potentados da terra, e aduzam-nos uma só palavra de Cristo, que circunda a frente do poder civil com o diadema da jurisdição espiritual no Reinado de Deus. Será baldado o empenho! Jesus Cristo se algum dia falou sobre os poderosos da terra, foi para lhes reconhecer e confirmar a legitimidade do seu poder temporal, e para predispor os ânimos dos seus apóstolos para a injustiça das perseguições, com que reis e presidentes tentariam afogar em sangue a nova potência espiritual que surgia em seu nome. A soberana independência da Igreja na sua própria esfera, começou a ser reivindicada logo nos primeiros tempos, com o proceder dos apóstolos.

Basta vermos que, quando eles, após a ressurreição de Cristo, começaram, em Jerusalém a apregoar a boa nova do Rei Crucificado, sem mendigarem o beneplácito do Sinédrio, intervieram imediatamente os beleguins da Sinagoga, arrastando-os perante o Sinédrio que lhes lavrou a sentença de « não mais falarem e ensinarem em nome de Cristo ».

Como os apóstolos não fizessem caso das cominações dos Sinedritas, continuaram a desempenhar-se da missão de embaixadores de Cristo-Rei, até ao dia em que, prestes a trasbordar a medida dos crimes da nação deicida, saudiram o pó das sandálias e partiram para o mundo dos Céus, a intimar-lhes que dessem a Deus o que é de Deus, e que deixassem à Igreja de Cristo o governo das almas.

A' mingua de testemunhos da Escriitura ou tradição, que ontorguem ao poder civil jurisdição sobre o espiritual, apele-se em última instancia para a razão intrínseca das coisas:

1.º) A razão proclama que é um absurdo sujeitar o espiritual ao temporal, encadear o sobrenatural no natural, e submeter ao tribunal da Sabedoria humana a Sabedoria divina.

2.º) A razão proclama, sem possibilidade de réplica, que a unidade, que é da essência da Igreja Católica, não se poderia manter, uma vez que o poder espiritual se repartisse pela multiplicidade dos soberanos temporais.

3.º) A razão emfim clama — que submeter a Igreja ao Estado, é escravizar de novo as consciências libertadas por Cristo, é converter a religião num ramo de administração civil, é confundir as duas esferas do temporal e espiritual eternamente separadas por Cristo, e é em suma retrogradar aos aviltamentos do paganismo.

Não é pois, absorvendo uma das sociedades na outra, que se virão a regular juridicamente as relações entre a Igreja e o Estado. Os Soberanos temporais poderão ser filhos respeitadores, generosos protetores, ou sanguinários perseguidores; o que nunca serão — porque Cristo os não exaltou a semelhante dignidade — o que jámais poderão ser, é governadores da Igreja de Cristo!

A história da Igreja é uma imagem fiel de lutas dramáticas entre os depositários da sua autoridade e as ingerências abusivas do poder civil, que pretendia realizar parcialmente, em maior ou menor grau, a sonhada Absorção da Igreja ao Estado.

(Continua.)

« Explico-me tomando para exemplo o vocábulo latino *Altus* (1), « que significa igualmente um lugar alto e um lugar profundo. « Vem da chave ou raiz céltica *Alt*, ou por inversão *Tal*, ou *Tla*, « que serve às mesmas designações, *Dol* e *Tal*, significando nesta « lingua igualmente *Mons* e *Vallis*. Vejamos como os homens « poderam ser levados a exprimir, com o mesmo termo *Alt*, duas « ideias tão contrárias. Quizeram exprimir a ideia de que um « objecto estava muito fóra do alcance da sua mão, no sentido « ou direcção da linha vertical. E, depois de se terem servido « do termo para designar as cousas muito distantes para o lado « de cima, empregaram-na também para designar as igualmente « muito distantes para o lado de baixo, não se preocupando senão « com esta generalisação dessa ideia de distância, abstraindo da « contrariedade da posição relativa dos objectos. E, assim, para « eles celtas, a palavra *Alt* ou *Tal* ou *Tla*, representou igualmente o alto dos montes e o fundo do mar, sic. ».

Quanto a origem e significação de *Briga*, palavra céltica, recorro ainda ao mesmo autor.

« Afirma-se diz elle, que *SAMOSOBIVA*, é o mesmo que « *AMIENS* (2). Mas pela inspecção da palavra pode presumir-se « que é *Bray-sur-Somme*, *Briva-ad-Sommarum*, assim chamada « por causa da sua ponte sobre o *Somme*, porque é o que a « palavra *briv* significa em lingua céltica.

« *Bray*, *Braium* é, o mesmo que *Lutum* (latina) terreno encharcado. *M. de Valois* explicou muito bem na sua noticia esta « palavra que entra na composição de muitos toponimos da « França. Mas a palavra *Briv*, *Brik*, *Brig*, que significa ponte « ainda ai é mais comum.

« O latim *Briva*, e a ponte sobre o *Somme*, que não é em « *Amiens*, mas perto deste local, em *Bray-sur-la-Somme*, são « outras tantas provas da verdadeira posição do lugar, da correspondência do nome antigo *Briva*, com o moderno *Bray*, e da « sua verdadeira significação neste local ».

Ora tudo quanto fica exposto a respeito da significação de *Tala* e de *Briga*, reduz-se a *Tala* significar monte ou vale, e *Briga*, significar ponte ou fortaleza, ou lama, ou ponte sobre um marnel ou paul, o que em mais parte nenhuma da estrada romana

(1) Este vocábulo, é céltico — Talou melhor *Tla*. Os célticos escreviam, se é que escreviam com caracteres fenícios, em que a leitura se fazia da esquerda, direita para a esquerda. *ALT*; que eles liam *tla*, mas que os latinos lendo ao seu modo interpretaram *ALT*.

(2) *Samos* e *Amieiros*, significa igualmente os *Amiaes*, logares pantanosos, onde estas arvores se dão bem.

se verifica com tanta probabilidade como no *Marnel* ou *Lamas do Vouga*.

Finalmente, nem mesmo precisamos de sair do latim para deduzirmos que *Talábriga* significa a povoação de *Lamas*.

Nesta lingua *Tala*, significa pé, base, fundamentos; de onde *talus* o osso cúbico dos pés de certos animais; *talor*, calçar com os pés; vestido *talor* o que chega aos calcanhares aos pés.

Imbrico as, are, significa alagar, encharcar. Vem de *imber*, no grego *ombros*, água do mar, terra lamacenta, paul, marnel.

Talimbrica, por pouca corrupção *Talábrica*, significa pois edificada no pantano.

O investigador de etimologias deve ser como o adiceiro; tem de esmagar a ganga da corrupção para extrair o metal precioso que ela envolve. Motivo porque não fecho estas considerações sem ainda discutir uma hipótese a que ligeiramente me referi; a de ser o nome da povoação da *Taboeira*, situada nas margens do *Vouga*, corrupção de *Talábriga*.

Taboeira, ou mais propriamente *Tabueira*, é lugar onde vegeta uma espécie de juncinea chamada *Tabua*, a *Tipho* minor, ou *Tipho*, latina. Vem do grego *Tiphos*, pantano, que se não deve confundir com *Typhos*, atonia, atordoamento, estupor, estado característico dos atacados por esta doença que, contudo é bastante peculiar dos terrenos pantanosos, onde existem águas estagnadas ou dormentes. Parece que entre estas duas palavras há uma comunidade de radicaes, talvez *Ty*, que significa morte, estagnação ou imobilidade.

Tabúeira ou *Taboeira* é pois corrupção de *Tifaria* ou *juncal*, parecendo à primeira vista que não pôde haver relação entre *Taboeira* e *Talábriga*.

Se porém considerarmos que *Tala* ou melhor *Thala*, significa haste, caule, colmo, junco; e *brío*, viçoso, crescido, pujante, e as junças da *Tabua* ou *Tipha*, são realmente muito compridas ou altas, o nome da *Talábriga* ou antes *Thalábriga* não estaria mal encabeçado nesta localidade, onde a vegetação da *Typha* deve ser luxuriante.

Contra a hipótese levanta-se porém, a grave objecção de estar muito afastada da diretriz da estrada romana, cuja construção e conservação seria difficilissima senão impossível através deste terreno cheio de pantanos, e não haver motivo plausivel para que a estrada se desviasse para o occidente onde não existia cousa que a atraísse.

E' facilimo ver, na carta, as diferentes avançadas que a costa tem feito para o occidente. A linha definida pelas povoações